

# Relicários

## Túmulos de prata

Em Portugal e no império colonial, ocorreu ao longo do século XVII uma produção artística particular, – mesmo que não completamente original: a realização de grandes sepulcros em prata para conservar e, simultaneamente, expor corpos de Santos.

A sua origem reside nos grandes relicários tumulares da época medieval, completamente revestidos de folhas de prata lavrada, por vezes ainda enriquecida com aplicação de esmaltes e pedras preciosas. Com a Reforma Católica, e consequente reforço do culto das relíquias, exigindo-se a contemplação pública dos seus vestígios, promovendo deste modo a experiência visual para o alcance da realidade espiritual, estes sarcófagos / relicários passaram a possuir grandes vidraças, como que abrindo aos olhos dos fiéis o mistério sempre tão ciosamente resguardado, nos séculos anteriores.

Num breve percurso, gostaríamos de referir alguns casos paradigmáticos desta produção, iniciando em Coimbra, e terminando pouco mais a norte, no Lorvão, sem deixar de passar por Goa e por Lisboa. Detenhamo-nos em obras que, milagrosamente, ainda existem e outras que apenas os registos documentais nos permitem o seu conhecimento. Todos estes relicários-tumulares se associam por protegerem santos de culto nacional e, na quase totalidade dos casos, a sua execução coincidir com as celebrações das suas beatificações ou canonizações, momentos de verdadeira promoção do hagiográfico lusitano.

Associar os relicários e o culto das relíquias à arte funerária é, todavia, muito simplificador, se tivermos em conta a importância simbólica e cultural das relíquias, e o facto de, na época barroca, constituírem um universo muito mais alargado do que os fragmentos materiais de Santos e Santas, Mártires ou beatos, abarcando igualmente os objectos relacionados com Cristo e a Virgem, dos cravos da Crucificação, às tábuas da



*Sepulcro de São Francisco Xavier, prata, 1635-1698, Basílica do Bom Jesus, Velha Goa*

manjedoura, ou mesmo à toalha da última Ceia, como se conservava em S. Roque, em Lisboa, no século XVII, um venerável fragmento.

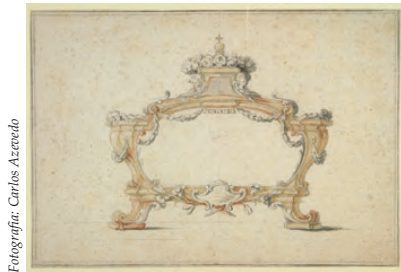
Uma das primeiras manifestações das instruções pós-Tridentinas, em Portugal, terá ocorrido nas celebrações da canonização da Rainha Santa Isabel, em 1625. Aí, pela primeira vez terá sido exposto publicamente o novo túmulo em prata, descrito na época como “famoso Mausoléu, dos notáveis do mundo.”

A sua execução deveu-se à oficina dos ourives de Lisboa, Domingos Vieira e Miguel Vieira, que no primeiro dia de Fevereiro de 1614 assinaram um contrato para executarem a encomenda do Bispo-Conde de Coimbra, D. Afonso de Castelo Branco. O prelado, dois anos antes, havia ficado impressionado com o estado de conservação do corpo da Rainha, quando para o processo de

canonização, foi aberto o seu túmulo na Igreja de Santa Clara, pelo que resolvera ordenar a execução de novo sepulcro.

Este sarcófago, que protege o túmulo da Rainha Santa no altar-mor de Santa Clara-a-Nova, com planta rectangular possui quatro pares de colunas coríntias, sob uma saliente platibanda coroadada por pequenas urnas. O tampo superior é formado por uma estrutura em forma de telhado de quatro águas, com óculos circulares em cristal. Tem de comprimento 2,32m, o que, por si só, atesta a sua grandiosidade. Em grande escala segue o modelo de outras peças anteriores, nomeadamente o cofre para o Santíssimo Sacramento proveniente do Convento de Tomar, da Ordem de Cristo, com os seus pares de colunas e destacada platibanda, doado por D. Sebastião, e hoje no Museu Nacional de Arte Antiga. Por outro lado, marcaria a produção do seu tempo como patenteia o relicário proveniente de um colégio da Companhia de Jesus em Coimbra, com a sua feição arquitectónica, com salientes colunas compósitas, e vidraça na frente, para revelar as relíquias.

Desconhecendo-se, infelizmente, os seus lavrantes, o túmulo em prata de S. Francisco Xavier, no Bom Jesus de Goa, é sem dúvida o mais célebre realizado no século XVII português. O seu historial, onde não falta muitas vezes a fantasia, é realmente bastante simples, acompanhando a evolução do culto do santo jesuíta. Um primeiro sepulcro em prata com “figuras, milagres e passos da Vida do Santo” existia já em 1624, dois anos após a dupla canonização de Santo Inácio e S. Francisco Xavier. Pouco mais tarde, em 1636 e 1637, o túmulo é novamente enriquecido graças à doa-



Fotografia: Carlos Azevedo

Projecto de Relicário de uma mártir, século XVIII (2.ª metade), Itália ou Portugal, coleção particular

ção de 3 000 escudos, de D. António Teles da Silva. O sepulcro actual deve-se aos novos acrescentos e alterações levadas a cabo nos anos de 1652 e 1653. Apenas em 1698 foi elevado no pedestal de mármore, fruto da doação do grão-duque Cosme de Medici e onde o podemos admirar em Velha-Goa.

A sua monumentalidade é reforçada pelo seu desenho arquitectónico, com colunas suportadas por mísulas, rematado superiormente por uma saliente cornija, com uma grandiosa cruz com o nó em cartela, com o símbolo na Companhia de Jesus rematando toda a obra. O túmulo apresenta, nas faces, trinta e dois painéis em prata relevada, removíveis para permitir contemplar o corpo do Santo. Descrevem episódios da vida de Francisco Xavier, na sua quase totalidade, seguindo as gravuras de Valerien Regnard, editadas em Roma, em 1622. Significativamente este túmulo, de linguagem tardo-clássica e elementos barrocos, denunciando a sua natureza compósita, serviu de modelo a uma obra de menores dimensões – o cofre-relicário de S. Francisco Xavier, enviado de Goa para Lisboa, em 1690, pertencente, no passado, à Casa dos Condes de Nova Goa, onde encontramos idêntico sistema de painéis de prata vazada, que, removidos, permitem exibir as relíquias.

É de Goa que nos chega a notí-

cia de um único caso conhecido de um túmulo executado em prata, fora do âmbito religioso. D. Francisco da Gama, no seu segundo vice-reinado do Estado da Índia, em cerca de 1628, possuiria um “caixão em prata”, que mandara lavar ao ourives Jerónimo da Costa, para os ossos de seu tio, D. Cristóvão da Gama, filho do almirante da Índia.

No seguimento da tradição narrativa do túmulo de Goa, na Sé de Lisboa expunha-se até ao terramoto de 1755, um grandioso relicário em prata onde se guardavam os ossos de S. Vicente. Fora executado no século XVII, certamente já nos finais, pelo ourives Tomás Correia, para o seu principal patrono o arcebispo D. João de Sousa. Ao inverso do ourives, de que sobreviveram diversas obras (Museu de Lamego e Museu Espírito Santo Silva, em Lisboa), pouco sabemos sobre este relicário. Segundo uma memória de 1758, “era um soberbo cofre de prata” adornado com “admiráveis figuras da autoria do célebre Scala”(?) o que sugere que deveria ter nas chapas em prata alguns episódios da vida do Santo.


As duas grandes urnas de prata do Mosteiro do Lorzão, encerram os restos mortais das beatas rainha D. Teresa e da infanta D. Sancha, concluem o nosso roteiro. Foram executadas, em 1715, pelo ourives do Porto Manuel Carneiro da Silva. Embora o culto à rainha e à infanta decorra desde o século XVI, muito provavelmente é bem antigo, porventura de pouco depois da morte de ambas, na primeira metade do século XIII. Embora o processo de beatificação tenha sido iniciado em 1634, só em 1705 foram declaradas “bem-aventuradas” por Bula de Clemente XI. Pouco depois datará a encomenda dos túmulos. A sua forma segue o modelo das arcas funerárias da época, sobretudo as de grande apa-



Fotografia: Confraria da Rainha Santa Isabel

Túmulo da Rainha Santa Isabel, 1614-1625, Coimbra, Santa Clara-a-Nova

rato, executadas em pedra, com bojo e saliente tampo. Neste caso, toda a superfície é ornamentada em chapas de prata recortada, relevada e cinzelada em motivos vegetalistas, sendo pregados sobre veludo vermelho tal como observamos em diversos elementos do túmulo de S. Francisco Xavier, no Bom Jesus. São ainda enriquecidas com vidros coloridos, dentro da expressão do barroco nacional.

Nos túmulos-relicário do Lorzão encontramos uma concepção que regressa aos padrões do mistério, isolando os fiéis da contemplação catequística dos restos mortais dos Santos, como defendido por Trento. Os seus olhos fixavam-se agora no esplendor do trabalho dos ourives, nas superfícies cinzeladas no metal precioso. Encerrando os túmulos, encerrava-se uma etapa da história do culto das relíquias em Portugal. 

#### BIBLIOGRAFIA

- António Nogueira Gonçalves - *Estudos de Ourivesaria*. Porto: Paisagem, 1984.  
*Esplendor e Devoção: os relicários de S. Roque*. Lisboa: Museu de S. Roque, 1998.  
 Vitor Serrão - “Documentos dos Protocolos Notariais”. In *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1983.  
 Nuno Vassallo e Silva - *A ourivesaria entre Portugal e a Índia, do século XVI ao século XVIII*. Lisboa: 2008.

NUNO VASSALLO E SILVA,  
 Museu Calouste Gulbenkian